

Augusto Boal (1931-2009)
- Entranhas e entranhamentos da arte-política

Daniel Maribondo

Valha-me Deus, o desafio de escrever uma biografia de Augusto Boal...

E eu sequer saberia por onde começar, mesmo porque o Boal que eu conheci já era "O Boal". Decerto, para mim, ainda era um rumor, um "teatro do oprimido" e um "augusto boal" que soavam, ou soaram, em algum lugar que não conseguia resgatar. Lembro-me de que fora ao I Congresso do Centenário de Nise da Silveira, cuja programação estava dividida em dias temáticos, "Arte", "Saúde mental"..., e a palestra do Boal estava marcada, justamente, para o dia da "Arte". Então, eis que no dia da "Saúde Mental", quem me aparece na mesa? O próprio. Por algum motivo, ele não viera no dia programado. Entretanto, como era ocupado e estava "velhinho", já com suas muletas, não havia como dispensá-lo e pedir para vir no dia correto.

Outra dificuldade que enfrentei foi a de repetir inúmeras biografias que já existem de Boal. Basta dar uma *googlada*¹ que verificamos a existência de muitos relatos sobre sua vida, elaborados até mesmo antes de sua morte. Logo, elaborar mais uma, aqui, da mesma maneira, seria quase um trabalho de copiar-colar², com o risco sempre presente de produzir silenciamentos e enaltecimentos. Mas, enfim, tentarei.

O Teatro do Oprimido não se forjou apenas como uma técnica teatral. A proposta apresenta uma perspectiva revolucionária da arte. Boal desconstrói a noção de que apenas pessoas especiais podem produzir arte. Ele aponta que todos somos artistas em potencial. Não há necessidade de um ator, por exemplo, ser fisicamente idêntico ao personagem. Uma criança pode representar um idoso, por exemplo. Isso porque Boal considera que a representação não se faz na vestimenta, mas sim na incorporação do personagem, na apropriação do modo de existência do personagem pelo ator. Os cenários e figurinos improvisados das apresentações de Teatro Fórum reforçam ainda mais a importância dessa apropriação.

Outro aspecto revolucionário das propostas de Boal é o da dissolução da divisão entre espectadores e atores, trazendo a concepção de *espect-atores*. O Teatro Fórum sempre

conta com um momento inicial de aquecimento da platéia e, após a apresentação inicial, esta é convidada a intervir no que achar que convém. Entretanto, no Teatro do Invisível, conhecido também como "teatro não-institucionalizável", essa divisão cai por terra completamente. Trata-se de cenas combinadas e realizadas em locais cotidianos, como metrô, ônibus, restaurantes, geralmente trazendo situações que evidenciam contradições sociais, tal qual, cotidianas. Então, os que não fazem parte da combinação acabam por participar da cena, tornando-se, portanto, atores. A rigor, não "se tornam"... porque já o são, sempre o foram! Esse aspecto é importantíssimo, pois traz à baila nosso caráter de ator na construção da sociedade.

Aqui passamos a outro aspecto revolucionário, embora sem sair muito do anterior, pois se esbarram, se entranham e se misturam bastante. Boal sempre defendeu uma arte política, que a arte é essencialmente política. Enquanto Brecht propunha que os temas abordados nas apresentações fossem políticos, que o teatro deveria ser uma voz da classe trabalhadora e que a arte deveria ser democratizada. Boal foi além: devem ser democratizados os meios de produção da arte. Isto é, não basta haver uma temática politizada, consciente. É preciso que a produção da arte seja colocada em jogo e problematizada. Daí a importância de o teatro sair dos palcos e ir às ruas, ir a sociedade. Para Boal, a vida em sociedade, por si só, é um teatro, é um jogo de relações entre atores, atores sociais, no palco social. Por isso a improvisação, sem necessidade de estruturas complexas e caras para as apresentações: qualquer um pode fazer, todos podemos fazer. Basta querer.

Depois do contato com o Teatro do Oprimido e, posteriormente, com a Análise Institucional, foi impossível para mim não encontrar atravessamentos dos dois. Boal opera uma verdadeira autogestão da arte, critica o especialismo e condena a arte pela arte, afirmando a politicidade das práticas artísticas.

Atualmente, o Teatro do Oprimido conta com diversos centros³ espalhados pelo Brasil inteiro, inclusive em movimentos sociais⁴. Mostrou-se uma ferramenta tanto de produção artística quanto de contestação e de busca de resoluções, de ensaiar para além da palavra e, principalmente, de construção coletiva. Os diversos projetos, entre eles o de multiplicadores das técnicas, se capilarizaram e fizeram parcerias com diversas instâncias, como Ministério da Saúde, Ministério da Cultura e Pontos de Cultura. A própria Casa do

Teatro do Oprimido tornou-se também um Ponto de Cultura em 2005, de maneira que ampliou e democratizou ainda mais a aplicação do Teatro do Oprimido. Dentre esses projetos, se destacam expressivamente as aplicações e formação de multiplicadores nos campos da Saúde Mental, do Sistema Prisional e da Educação.

Enfim, a história de Augusto Boal é, explicitamente, uma história que não se encerra na sua pessoa. É uma história explicitamente coletiva, um trajeto de vida que se entranha com diversos outros trajetos, seja da Casa do Teatro do Oprimido, no Rio de Janeiro, seja das inúmeras problemáticas e revoluções que vieram à tona a partir de suas construções.

Daniel Maribondo, aluno do curso de graduação em Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Bolsista de Iniciação Científica – CNPq.
E-mail: maribondo.d@gmail.com

¹ Pesquisa na rede Internet através do site de busca Google.

² Comando utilizado no sistema Microsoft Windows, que copia um conteúdo de uma fonte para inseri-lo em alguma nova elaboração escrita.

³ Centros de Teatro do Oprimido, que são núcleos de multiplicadores da metodologia.

⁴ Movimentos de Defesa de Direitos Humanos e Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, entre outros.